Rubens de Azevedo

Este é um dos momentos mais importantes de minha vida e me sinto envolvido de natural emoção. Muitas vezes, na qualidade de espectador, penetrei este vetusto sodalício, que congrega os mais lídimos representantes da cultura de nosso Estado. Vim pela mão de meu pai, Otacílio de Azevedo, que sempre teve aqui a mais carinhosa acolhida, mercê das grandes amizades que conquistou entre os membros do Instituto.

Nunca considerei a mais longínqua possibilidade de sentar-me um dia ao lado daqueles que pelo seu valor intetelectual e pelo estudo constante mereceram os lauréis da gratidão do povo cearense e da imortalidade. É, pois, com o coração cheio de alegria e justificado orgulho que entro hoje na Casa do Barão de Studart, para fazer parte do seu quadro social.

A essa alegria e a esse orgulho, todavia, somam-se o temor e a incerteza de não corresponder, talvez, às obrigações de tão honrosa posição. Nada obstante, impulsionam-me a coragem e o desejo de contribuir, mesmo de forma modesta, para o engrandecimento de uma Instituição que orgulha não só o Ceará, mas o Nordeste e o Brasil, mercê dos altos serviços prestados à Cultura.

Venho ocupar o lugar de uma figura ilustre por todos os motivos, figura das mais expressivas da cultura cearense, historiador dos mais respeitados, homem de saber polimorfo, cuja erudição era esbanjada a toda hora, em qualquer lugar.

Hugo Catunda Fontenelle era natural de Ipueiras, onde nasceu aos 10 de agosto de 1899, filho de José Bento de Oliveira Fontenelle, comerciante e filiado ao Partido Democrata e

de Da. Inocência Catunda Fontenelle. Teve como irmãos Raimundo Catunda Fontenelle e Raul Catunda Fontenelle, já falecidos, Dario Catunda Fontenelle, Mileto Catunda Fontenelle e José Bento Filho, residentes em Ipueiras.

Foi casado com dona Maria Martins Fontenelle, de quem houve os filhos José Orlando Catunda Fontenelle, Promotor de Justiça aposentado, que reside em Ipueiras, e Egberto Catunda Fontenelle, funcionário público residente em Fortaleza.

Graduado pela Universidade Rural do Rio de Janeiro, onde fez o Curso de Ciências Sociais e Ensino Rural, em 1936, ocupou em Fortaleza vários cargos importantes: Diretor do Departamento Estadual de Educação (hoje Secretaria de Educação do Estado), Diretor do Arquivo Público e Museu Histórico, Diretor de Orientação e Fiscalização do Ensino, Secretário da Interventoria Federal durante a intervenção de Acrísio Moreira da Rocha, Secretário de Educação e Cultura do Município, Diretor do Ensino Normal Rural, vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação e Juiz em disponibilidade do Tribunal de Contas do Município.

Publicou: *Metodologia do Ensino na Escola Normal Rural, Sentido Social da Educação Nova, João Brígido — Um Caudilho do Nordeste, A Duquesa do Ceará, Atualidades de Justiniano de Serpa, O Barão de Studart* e muitos estudos esparsos publicados em revistas especializadas.

Em Ipueiras, sua cidade natal, desenvolveu Hugo Catunda as mais diversas atividades ligadas à cultura, muitas das quais desconhecidas dos seus colegas escritores e historiadores. Foi ele, durante muitos anos, uma espécie de mentor da sociedade ipueirense, a cabeça pensante da cidade. O seu trabalho na terra natal bem mereceria que esta lhe erigisse um monumento. Era acendrado o seu amor por Ipueirás, para onde voltou, talvez para morrer junto às suas origens. Era ele quem organizava as festas cívicas, religiosas ou profanas. Minha esposa, escritora e poetisa Jandira Carvalho, também natural de Ipueiras, conta-nos que brincou seus primeiros carnavais ao som de músicas compostas por Hugo Catunda, que, além de fazer adaptações de melodias já existentes, apondo-lhes novas letras, compunha, ele próprio, graciosas chulas e marchinhas que eram entoadas pelos foliões. E não ficava nisso: mandava buscar revistas do Sul do País, de onde copiava desenhos de fantasias para os blocos que ele ajudava a organizar. Era Hugo o *fac-totum* de Ipueiras, a quem todos recorriam para a solução dos mais diversos problemas.

Era assim, Hugo Catunda: homem simples, amigo e colaborador. Se não foi Prefeito de Ipueiras ou outra qualquer cidade da Zona Norte do Ceará é porque nunca lhe atraiu a falsa importância dos cargos políticos.

Mas ele fez mais: foi um pesquisador paciente e seguro da nossa História e espalhou às mancheias o conhecimento de nossas origens. Isso sem falar nos aspectos multifários de sua cultura que abrangia as artes e a literatura. Num caderno de impressões da moça Jandira ele escreveu em 1939: "Sentir a vida não é receber as sensações da exterioridade palpável e vulgar. Há sentimentos mais belos e mais profundos, por meio dos quais penetramos e aprendemos todo o encanto, a sonoridade dessa outra existência que se compraz no alheamento das cousas tangíveis, para enlear-se na contemplação maravilhosa e eterna do mundo interior".

Definindo a Arte, escreve ele no mesmo álbum: "A Arte, nas suas formas eternas — símbolos da perfeição e do poder semidivino do pensamento estilizado — não é apenas sentimento emotivo da estesia, da unidade infinita do Cosmos, porque também é ela a mais humana e sedutora filosofia da vida em elevação, em atitude de espiritualidade, buscando ascender ao Infinito da perfeição absoluta."

Segundo o escritor Carlos d'Alge, que assumiu na Academia Cearense de Letras a Cadeira nº 36, vaga com a morte de Hugo Catunda, este "reunira uma inestimável soma de conhecimentos históricos e geográficos, pesquisando arquivos, reunindo documentos, lendo o que era publicado e mantendo-se em contacto com as instituições culturais do País e do estrangeiro. Todavia, — diz d'Alge — era um torturado, quando se dispunha a escrever no papel os seus comentários e os seus anseios. Buscava a perfeição, qual um novo Flaubert. E essa procura da perfeição bloqueava o escritor que poderia ter deixado para as novas gerações uma bibliografia imprescindível aos estudos sociais do Nordeste seco. No entanto, não guardava usurariamente os seus conhecimentos. Colocava-os à disposição dos seus mais íntimos amigos e daqueles amigos e daqueles em que achava necessário talento para levar avante projetos de novos livros".

Pedimos vênia ao ilustre acadêmico para, se não discordar, pelo menos dar uma nova visão perspéctica do procedimento de Hugo Catunda. Nas páginas que dele conhecemos vimos um escritor enxuto, escorreito, sem circunlóquios claros e precisos. Hugo sabia dizer exatamente o que pensava.

O que talvez lhe acontecesse seria o fato de que ele era mais homem de falar. Teria sido um professor excepcional se se tivesse dedicado ao magistério superior.

Um dos astrônomos brasileiros mais respeitados, um dos mais sábios, Domingos Costa jamais escreveu um livro. E sabia escrever muito bem, como o provam as suas colaborações no *Anuário do Observatório Nacional*. Conhecemos intelectuais cujo estilo é agradável e perfeito... mas que não escrevem. Outros conhecemos, cuja leitura, embora correta, é tortuosa e cansativa, mas que escrevem livros às carradas. Acreditamos que há escritores que gostam de escrever, outros não. Talvez se goste de escrever como se gosta de comer, viajar ou guiar automóveis.

Hugo Catunda escrevia com facilidade e clareza.

Era, porém, descansado e deixava sempre para depois, não contendo, certamente, com a presença da figura sinistra de Tânatos, que nos espera a todos e que já o rodeava...

Tive a felicidade de conhecer Hugo Catunda e haurir de sua personalidade senão o conhecimento básico da História, pelo menos o profundo interesse pelas figuras basilares da saga humana através dos milênios. Hugo era muito amigo de meu pai e nos visitava freqüentemente, pelo menos durante a década de quarenta. Costumava ouvir a conversa de dois entusiasmados estudantes: meu pai, poeta e pintor, Hugo Catunda, o historiador por excelência. Era para mim inexcedível felicidade ouvi-los trocar idéias. Lembro-me das intermináveis discussões sobre os problemas do Máscara de Ferro, a traição de Calabar ou a Inconfidência Mineira. Hugo, de temperamento frio e racional, procurava as explicações dentro das perspectivas históricas, levando em consideração a política palaciana sem esquecer os ponderáveis aspectos da economia. Meu pai, artista, preferia ficar com a lenda. Lembro-me de sua decepção quando Hugo esclareceu que o Máscara de Ferro usava, ao invés de pesado capacete, uma leve e artística máscara de veludo. E que deveria ser, na realidade, o ministro Fouquet e não o rei Luís XIV...

Quase sempre a palestra versava sobre o que Hugo chamava de "as neblinas da História". Foi através dele que tomei conhecimento do estranho "desvio" da História da Inglaterra provocado pela simples falta de um par de sapatos. Hugo sempre dizia que a História era feita de pequenos acasos e não de grandes batalhas — frase que jamais esqueci. O fato aludido foi o seguinte:

Contava Hugo Catunda que os ingleses, como um bloco coeso, apinhavam os embarcadouros para tomar os navios que os levariam à América. De tal forma a situação complicava-se que o rei Carlos I estabeleceu certos requisitos destinados a frear a emigração. Um desses requisitos era contar, na bagagem, com, pelo menos, dois pares de sapatos. Um dos pretendentes à emigração para a América chamava-se Oliver Cromwell, o qual foi impedido de embarcar por causa dessa cláusula. Poucos anos depois, chefiava Cromwell a revolução que decapitou o infeliz monarca. E Cromwell tornou-se o Lord Protetor da Inglaterra, podendo adquirir quantos pares de sapatos necessitasse...

Foi de Hugo que ouvi, pela primeira vez, a frase: "Se o nariz de Cleópatra fosse mais curto, talvez fossem outros os destinos de Marco Antônio e do Egito."

Foi dessas longas conversas em minha casa, ao redor da mesa, onde sempre fumegava o generoso café coado de fresco, que surgiu o meu interesse pela História. E foi Hugo Catunda, sem o saber, o meu primeiro professor. Minha timidez e juventude impediram que eu tivesse com ele um contato mais íntimo. Eu o achava um tanto descrente e realista demais. Leve-se em conta a minha juventude repleta de sonhos românticos. Eu vivia às voltas com o Senhor de Passavant, o conde de Cagliostro, Fausta, Pardaillan e os Mosqueteiros do Rei...

Hugo Catunda era um perfeito gentil-homem. A palavra, que ele sempre utilizava, cabia-lhe a ele próprio como uma luva. Elegante, asseado, delicado no trato, era ele próprio o protótipo do homem gentil — um dos últimos remanescentes dessa classe em extinção. Neste mundo de violência e desrespeito à pessoa humana, à tradição e aos bons costumes, não mais cabia essa figura lhana que me deixou estereotipada na retina a imagem daquilo que deveria ser sempre um intelectual. Quando o encontrava, imaginava que ele parecia ter fugido das páginas admiráveis de Dumas, quando retrata o Cardeal de Richelieu.

Uma das facetas que mais me atraía em Hugo Catunda era o seu profundo humanismo. Em suas conversas vi-o, muita vez, defender a posição do homem, sua colocação na Natureza como um elemento de equilíbrio, nunca como um predador.

Hugo Catunda, muito embora declarasse modestamente nada entender de letras ou de poesia, era, na verdade, um esteta de primeira água. No seu discurso de saudação a Nertan

Macedo de Alcântara, quando este adentrava a Academia Cearense de Letras, declarou:

"Mas, por que pretender ir além, analisando vossa obra poética, eu que de versos nada sei e, apenas, por um dom que Deus concedeu a todas as criaturas, sinto a poesia que ressai, visível e tocável, da harmonia e até dos contrastes do mundo exterior, espelhando-se nas paisagens amenas que enfeitam e opulentam as formas infinitas da natureza?."

Esse dom ele o possuía bem desenvolvido e posso dizer que a poesia nunca estava fora nas longas tardes de sabatinas em nossa casa...

Jamais poderia imaginar que teria eu um dia a responsabilidade de substituir tão excelsa figura. Ao mesmo tempo em que essa perspectiva me entibia, sinto, em contrapartida, uma força desconhecida impulsionar-me e me dizer que poderei, se não continuar a sua obra, pelo menos garantir a suprema felicidade de não deslustrá-la.

Senhores do Instituto:

Neste início de convívio alto e enobrecedor que tenho convosco, não quero furtar-me ao dever de mencionar nesta minha fala algumas pessoas que contribuiram para a formação do meu caráter e da minha cultura.

De início, tenho de falar-vos de meu pai, nascido Otacílio Lázaro Ferreira de Azevedo, filho de Bernardino Ferreira de Azevedo, professor de latim, e Felismina Maria da Conceição, de prendas domésticas, que era dos Paiva de Pajeú das Flores. Nasceu meu pai em Monte Alegre, Redenção, transferindo-se para Fortaleza rapazinho matuto e quase imberbe. Autodidata completo, adquiriu, no entanto, uma soma de conhecimentos que espantava a todos. Aprendeu a ler muito tarde e, talvez, por isso, aproveitou todos os momentos para suprir as suas falhas. Dono de formidável capacidade de raciocínio e memória invejável, dominou, de logo, a língua, tornando-se, ao aparecer, um dos mais festejados intelectuais da província, ao tempo dos bondes de burro e lampiões de gás. Nossa casa era visitada por intelectuais do porto de Sobreira Filho, Carlyle Martins, Pierre Luz, Luís de Castro, Júlio Maciel, Mário Linhares, Filgueiras Lima, Gastão Justa, Beni Carvalho, Andrade Furtado, Dolor Barreira e artistas como Carvalho, Gérson Faria, Milton Rodrigues, Clóvis Costa, Pretextato Bezerra (TX), Clidenor Capibaribe (Barrica) e muitos outros.

Foi com ele que aprendi a amar a Arte e a Ciência. Foi ele quem erigiu, no telhado de nossa casa, o meu primeiro observatório astronômico.

Minha mãe, Teresa Almeida de Azevedo, nascida Teresa Façanha de Almeida, não pôde dedicar-se às coisas da cultura. Mas foi com ela que tive as primeiras noções de desenho. Ambos, meu pai e minha mãe, foram as peças básicas da minha formação.

Destacarei doravante pessoas que contribuíram para o meu aprendizado intelectual. De início, dir-vos-ei que em nada fui regular, tendo começado tarde a minha formação acadêmica. Muitos foram os que modelaram a minha personalidade sem que eu o percebesse. Mas a alguns sei muito bem o que devo.

Começarei por Francisco Leite Serra Azul, o cinzelador de *Natureza Ritmada* — livro de tal forma erudito que passou em branco em Fortaleza, não havendo críticos com suficiente dimensão para criticá-lo. Foi Serra Azul quem me levou pela mão à luminosa estrada da Astronomia. O outro foi o poeta Cruz Filho, helenista e mitólogo, que, como Serra Azul, conhecia o céu.

Ainda menino, freqüentava a Casa de Juvenal Galeno, sempre acompanhando meu pai que ali como que fazia ponto pelo menos uma vez por semana. Enquanto meu pai e a doutora Henriqueta conversavam, eu ficava a olhar a biblioteca. Um dia ela perguntou a meu pai onde eu estudava e, ao receber a resposta de que não cursava escola alguma, chamou-me e entregou-me um bilhete para o livreiro Clóvis Mendes, dono da saudosa Livraria Imperial. Nesse bilhete ela ordenava que me suprisse de livros e o material necessário. Lembro-me da emoção com que sopesei a inteira coleção Gaspar de Freitas. À noite, já estava eu na Escola Onze de Agosto, mantida no Grupo Escolar Visconde do Rio Branco pelo Centro Estudantal Cearense. Dirigiam a Escola os estudantes José Palácio de Queiroz e Assis Queiroz. Foi assim que comecei minha vida de estudante. Posteriormente, tive a ajuda inestimável do professor Filgueira Sampaio, no Instituto Waldemar Falcão e desse idealista sublime, Clodomir Teófilo Girão, cultor da língua e propagandista de Ruy Barbosa. Com o primeiro, mergulhei na História Pátria, que até então desconhecia, preocupando-me com a Europa ou o Oriente Próximo; com o segundo aprendi o que sei da língua portuguesa.

Na nossa velha e saudosa Faculdade Católica de Filosofia tive mestres que me serviram de suporte indispensável: José Waldo Ribeiro Ramos, geógrafo e filósofo, dono de invejável biblioteca, que me pôs à disposição; Filgueiras Lima, que me mostrou as portas da Escola Nova; Gérson de Sousa Pereira, que me maravilhou com os segredos de genética e da biologia animal.

Cabe aqui a menção muito especial ao muito que devo à minha mulher, Jandira Carvalho de Azevedo, escritora e poetisa, que me vem inspirando e colaborando nos meus trabalhos há um quarto de século, testemunhando minhas vitórias e desenganos, sempre ao meu lado numa fidelidade e desprendimento que só o amor poderia justificar. A ela, portanto, a maior parte do meu reconhecimento.

Morando em São Paulo, tive contacto com a figura ímpar e inolvidável de Baptista Pereira, o grande estilista que, segundo Tristão de Athayde, em recente artigo em que comenta o centenário desse intelectual, teria tido maior projeção e atuação nas múltiplas atividades que exerceu se o destino não o tivesse ligado intimamente por laços de família a Rui Barbosa, de quem se tornou, por assim dizer, um discípulo prestimoso, pelo que fazia para a propagação das idéias do mestre e o esplendor de sua glória. "Baptista Pereira se deixava esmaecer ao lado de Rui de quem era o porta-voz pela confiança que inspirava ao sogro e ainda por sua profunda identificação, até mesmo no estilo literário, que fazia que chegassem a confundir, é certo que atribuindo ao secretário apenas a virtude da imitação." A verdade — diz Tristão de Athayde — era bem outra. Baptista Pereira era intelectualmente uma figura autônoma, com idéias próprias, maneira de ser muito pessoal que, aparentemente vivendo à sombra de Rui possuía, no entanto, uma individualidade literária.

Américo Jacobina Lacombe, no prefácio da coletânea recentemente publicada, *Baptista Pereira e São Paulo,* diz:

"Para que as novas gerações possam ter uma pálida idéia de sua presença luminosa, aqui se reúnem algumas páginas de seu arquivo. Ao menos ficará para a posteridade o juízo que sobre ele tiveram alguns grandes homens do tempo e compreendam os moços por que tantos da atual geração podem se orgulhar de ter convivido com tão brilhante personalidade."

Eu convivi intimamente com Baptista Pereira durante alguns anos, servindo-lhe de secretário e desenhista. Conquis-

tado por sua cultura e erudição, cheguei a abandonar o emprego para estar ao seu lado, haurindo conhecimentos que jamais poderia ter adquirido de outro modo. Possuía ele memória fotográfica absolutamente milagrosa e uma portentosa cultura lingüística que lhe permitiu realizar um trabalho impressionante, o qual permanece ainda inédito: um *Dicionário Tupi-Egípcio* em oito alentados volumes. Realizou ele interessantíssimas pesquisas e descobertas relativas às relações pré-históricas entre o Brasil e o antigo Egito. Era egiptólogo de grande força e com ele muito aprendi sobre o país dos faraós, o chamado "crescente fértil" e acerca da Mesopotâmia. Por causa dele interessei-me pela arqueologia, que veio completar de certo modo a minha cultura de história.

A linha mestra de meu trabalho tem sido a Astronomia. Não a Astronomia de observatório, compreendida pela mecânica celeste, mas a Astronomia de observação, a contemplação do céu, com vistas à aquisição de uma atitude filosófica condizente com a minha atuação profissional. Meu interesse pela Astronomia nasceu da indizível beleza que nos proporciona o espetáculo da procissão das constelações e o estudo do mistério que se esconde atrás delas através dos milênios que decorreram desde sua formação pelos povos antigos. As constelações são o repositório de todo o conhecimento antigo e o estudo de suas origens é trabalho para uma vida inteira.

Permiti-me falar um pouco de Astronomia para explicar a razão pela qual ela me envolveu de modo tão completo.

Muito embora seja considerada uma ciência de gabinete, cultuada por uma aristocracia de cientistas aparentemente dissociados da realidade da vida cotidiana, é a Astronomia, na realidade, a ciência prática por excelência e, sem contestação, a mãe de toda a cultura científica, técnica, artística e filosófica do homem. É a mais antiga das ciências e, com segurança, foi a que contribuiu de forma mais efetiva para a evolução do pensamento. Nasceu ela, aliás, com caráter eminentemente prático. Foi criada pelas dificuldades que o homem encontrava na perquirição dos mistérios da natureza que ele precisava desvendar. Graças a esse conhecimento, pôde o homem estabelecer o Calendário e com ele estabelecer a medida do tempo. Foi a Astronomia que deu a compreensão dos movimentos do nosso planeta e o comportamento do Sol sobre o horizonte, traduzido nas estações climáticas do ano, e cujo conhecimento era fator importante para a própria so-

brevivência da humanidade. Foi a Astronomia a primeira ciência a pôr em relevo a noção das leis físicas e naturais, impostas pela regularidade cronológica dos fenômenos celestes e permitiu o desenvolvimento do espírito de observação exata, de que dão testemunho as tabletas mesopotâmicas, as construções megalíticas dos *cromlechs* e as pirâmides do Egito. Foi ela ainda que permitiu a determinação de pontos na superfície da Terra e criou as medidas essenciais para a adoção das coordenadas geográficas e celestes. A observação do céu permitiu a criação das condições essenciais para a navegação e as viagens terrestres de exploração e de comércio.

A complexidade do mundo e a insuficiência da mente humana em abranger quantidades maciças de informações nos impuseram a divisão do conhecimento em vários ramos, tais como matemática, física, química, biologia, etc. Mas o desenvolvimento de qualquer destes ramos influi decisivamente no progresso de qualquer um deles. Porque a Ciência é, na realidade, una e indivisível. O conhecimento é um todo e sua compartamentalização tornou-se necessária para que se dividissem as tarefas.

A Astronomia sempre foi o campo ideal de aplicação das matemáticas e ainda o é. A Mecânica clássica, fundada por Galileu, encontrou sua expressão mais perfeita na Mecânica Celeste desenvolvida por Newton, Laplace, Lagrange e outros sábios. Os estudos astronômicos compreendidos com a finalidade de adquirir conhecimentos puros levaram ao descobrimento das leis da dinâmica, à invenção dos cálculos diferencial e integral e serviram para estabelecer os posteriores avanços da Física, da Engenharia e da Tecnologia.

Lagrange e Laplace aplicaram toda a Matemática conhecida no seu tempo à Astronomia e, impulsionados pelas necessidades desta, criaram novos capítulos para explicar e condensar em princípios mínimos todos os fenômenos observados. Com a teoria potencial, criada por Poisson, nasceu um novo capítulo de investigações matemáticas. Também Gauss, ao mesmo tempo em que aplicava a matemática à Astronomia, enriqueceu aquela com novas idéias e valiosos resultados, tudo em função das necessidades da Astronomia e da Física. Assim, para aplicar seus cálculos ao problema das trajetórias de pequenos planetas ou planetóides, conhecidas três observações, acabou por desenvolver o método dos Mínimos Quadrados, de aplicação múltipla e variada.

A Física tem recebido da Astronomia poderoso auxílio; ambas encontram-se hoje num só campo de ação. O espaço interplanetário, alcançado graças ao conhecimento das órbitas e da gravitação, oferece hoje ao físico condições extremas de volume, temperatura e pressão impossíveis de realizar em laboratórios terrestres. Milhões de graus de temperatura, milhões de atmosferas de pressão no centro das estrelas e vácuo absoluto interestelar, onde a parafina adquire a dureza do aço, podem nos dar uma idéia das inúmeras possibilidades de estudo que se abrem ao físico moderno. O exame do comportamento atômico das estrelas permite a criação de novas teorias sobre os núcleos atômicos. A Astronomia revelou ao físico a matéria degenerada, hiperdensa, existente no íntimo das estrelas-anãs brancas, cujo estudo exige a contribuição dos mais recentes refinamentos da mecânica ondulatória. As supernovas nos têm ensinado muito sobre o comportamento dos raios cósmicos.

A Astronomia e a Nucleônica são hoje campos que se tocam.

Relativamente à Química — hoje tão associada à Física e à Biologia — pôde a Astronomia fornecer elementos/alavancas como a descoberta do Hélio no Sol antes que esse elemento fosse vislumbrado na Terra. Revelou, também, a existência no espaço de radicais livres ou moléculas incompletas, instáveis na superfície da Terra, porém, cuja existência já era prevista pela teoria. Mais recentemente descobriram os astrônomos grande número de isótopos em estrelas, os quais são raríssimos em nosso planeta.

O ponto mais importante ao qual nos queremos reportar é a demonstração da validade universal da Ciência: disseminados pelo Universo estão os mesmos elementos existentes na Terra, aqueles mesmos elementos contidos na tabela de Mendeliev, agora completada e ampliada pelos modernos físicos e químicos. A unidade universal foi conquistada com o auxílio de várias ciências, impulsionadas pelos processos astronômicos.

Existe hoje uma ciência chamada Astrobiologia, cujos postulados começam a ser expostos com muita seriedade. Criada há mais de trinta anos pelo soviético Gavril Tikhov, é cultuada hoje por biólogos e químicos de todo o mundo, avultando, dentre eles, os nomes de Strughold, criador das Esferas Ecológicas e Isaac Azímov. Muito embora funcione ainda à base de extrapolações, a Astrobiologia tem apresen-

tado esboços muito bem delineados e nítidos, capazes de nos mostrar as verdadeiras possibilidades da Vida Universal.

O Bíon é uma partícula vital cósmica e detectável. Dentro do moderno esquema da físico-química, pode-se perfeitamento conceber esse corpúsculo. Encontramos, por exemplo, no *Dicionário Brasileiro de Astronomia e Astronáutica* do padre Jorge O'Grady de Paiva, o seguinte: "Assim como há os campos eletromagnético, gravitacional e nuclear, o primeiro com o électron, o íon e o fóton, o segundo com o gráviton e o terceiro com o méson (estabilizador do núcleo atómico), assim, também, haveria um campo vital, caracterizado pelo bíon. A solução coloidal do protoplasma tornar-se-ia estado da matéria, o oitavo, onde quer que, no Cosmos, surgisse a Vida. E seria o bíon desencadeado pelo entrechoque de partículas eletromagnéticas, em meio propício e preencheria, desde então, as funções atribuídas ao élan vital que, de conceito abstrato, passaria a concreto."

Ainda no campo da Biologia temos a considerar um aspecto muito importante: trata-se das influências dos astros sobre a Terra, notadamente o Sol e a Lua — influências essas, seja dito de forma explícita, de ordem gravitatória e eletromagnética, nunca de influxos misteriosos preconizados por essa caricatura de ciência chamada Astrologia, mistura de superstição e ignorância. As influências físicas sobre os seres vivos e inanimados se apresentam de forma global e efetiva.

Os fenômenos vitais estão estreitamente ligados à ação gravitatória e eletromagnética dos corpos celestes: o crescimento dos vegetais, a atividade de vírus e bacilos, as modificações do metabolismo orgânico. Sabemos da ação gravitatória da Lua e do Sol sobre as camadas litosféricas, aquosas e atmosféricas. Conhecemos a correlação entre as máximas e mínimas solares e a periodicidade das secas. Sabemos que a Lua aumenta ou diminui o número de partos, influencia a menstruação feminina e modifica o comportamento cerebral. O Sol, por sua vez, tem sua influência comprovada sobre todo o organismo vivo, provocando ou acelerando os processos patológicos como os da tuberculose ou do câncer epidérmico, além de oferecer, junto com a Lua, possibilidades de modificação de atitudes de comunidades inteiras.

A Biologia, a Medicina e Astronomia trabalham juntas para a elaboração do quadro definitivo dessas influências.

O experimento astronômico de Michelson, denominado Microoceano, deu origem à Relatividade de Einstein, a qual deveria encontrar, ainda no campo da Astronomia, a maior parte de sua comprovação. O deslizamento do periélio de Mercúrio e os desvios dos raios luminosos de estrelas nas proximidades do campo gravitacional do Sol foram algumas dessas comprovações.

O valor filosófico da Astronomia está permanentemente demonstrado se compreendermos que, embora seja ela uma ciência física, seus postulados nos conduzem a uma interpretação mais ampla do meio em que vivemos e, conseqüentemente, a uma maneira diferente de pensar e de agir. O fato de que a Astronomia nos revela um Universo por assim dizer imensurável, composto por um número absolutamente incalculável de sóis e galáxias — mas que tudo isso apresenta uma unidade essencial, quer na composição, quer no comportamento dentro das mesmas leis imutáveis, é para o intelecto humano de inexcedível significação. E, embora o nosso próprio planeta apareça no concerto universal como uma insignificante partícula, é, em troca, habitado por seres que se agigantaram sobre sua pequenez no estudo e entendimento da Criação.

O valor educativo da Astronomia está devidamente demonstrado através da exatidão dos seus cálculos, que levam a um aprimorameto do cérebro. Não há campo algum do conhecimento onde possa a mente humana desdobrar-se tão inteira e completamente. Eis, senhores, porque é a Astronomia a linha essencial da minha formação e da minha cultura.

Senhor Guarino Alves:

Vossas palavras de elogio e incentivo, que me honram e distinguem, dão à minha modesta obra dimensões exageradas, especialmente partindo de um dos mais luzidos membros desta douta Casa, pesquisador capaz, escritor de grandes méritos. Meu modesto trabalho mereceria, talvez, o prêmio da persistência, talvez da teimosia, nunca aquele que lhe atribui vossa boa vontade. Mas isso não me surpreende, conhecendo como conheço a vossa bondade, vosso espírito de incentivo constante a qualquer trabalho, vós que sois o trabalhador por excelência.

Já tinha ouvido falar de vós, muito antes de aportar novamente a Fortaleza, esta Fortaleza da minha infância e adolescência, da qual me afastei para viver pelo espaço de vinte

longos anos em diferentes latitudes. Foi em Natal, quando ali residi por algum tempo, vindo de uma Paulicéia mais desvairada do que nunca, chamado pela amizade do Dr. Antônio Soares Filho, dileto cultor de Urânia e fundador da Associação Norte-rio-grandense de Astronomia, da qual tive a honra de ser Secretário. Vários amigos me falaram de vosso trabalho, além de Antônio Soares, Veríssimo e Protásio de Melo e Luís da Câmara Cascudo.

Fostes forjado dentro das lides da cultura e do estudo constante. Vosso pai, Antônio Alves de Oliveira, foi um desassombrado jornalista, político e literato de escol, membro que era da Academia Potiguar de Letras. Fundou e dirigiu os jornais *A União* (1905), *Ceará-Mirim* (1911), *O Correio da Semana* (1916) e *O Debate* (1934). Foi diretor do conceituado diário *A Opinião,* fundado pelo Ministro de Estado e Historiador Augusto Tavares de Lira. Os cuidados de vossa progenitora, dona Alice Cid de Oliveira, vos levaram sempre a uma vida de estudos e honradez.

Não poderíeis vós, oriundo de casal ilustre e tão bem dotado, fugir à tradição familiar de cultuar as coisas da História, da Política e da Geografia — da cultura enfim. Sei que vos iniciastes como cronista, jornalista e romancista. Os apelos de Clio vos fizeram voltar-se para a História, onde vosso trabalho se fixou. Vossa tarefa foi, até agora, longa e penosa, baseada toda em exaustivas pesquisas. Cada página vossa apresenta a marca do trabalho sério, pensado e ponderado. Não quero furtar-me ao prazer de mencionar alguns desses trabalhos, os quais abriram à vossa inteligência as portas do conceito que hoje mereceis:

A Costa Setentrional do Brasil na Carta de Navegar de Alberto Cantino — 19; *Vera Cruz* — 1974; *Capitanias Hereditárias ou Dissertações Sintéticas de um Histórico-Geógrafo* — 1977; *Duas Contribuições para a História Marítima do Brasil;* — 1977; *O Monte Delly* — 1977; *Província Fluminis Grandis* — 1977; *Estudos Americanos* — 1978; *Navegações Ultramarinas Portuguesas* — 1978; *João Rodrigues Colaço e uma Nota em Cursivo do Barão de Studart* — 1979; *Elogio de Isabel, a Raínha Católica* — 1980; *Influência da Sereia na Imaginação do Homem* — 1981; *Origem do Nome Ceará* — 1981.

Fundastes e dirigistes em Fortaleza, nos idos de 1948, o semanário político e noticioso *O Debate;* colaborador de revistas como *Aspectos,* da Secretaria de Cultura do Ceará, *Tempo Universitário,* da Universidade Federal do Ceará, das

Revistas do Instituto do Ceará e Instituto do Rio Grande do Norte e outros, sois um dos mais ativos membros desta Casa, que honrais com vossa dedicação e vosso valor.

Membro das mais prestigiosas Academias e Institutos brasileiros e estrangeiros, vosso nome transpôs, já, as nossas fronteiras, levando a outras plagas a notícia das vossas tarefas. Em 1975 estivestes na Espanha, a convite do Ministério de Assuntos Exteriores do Brasil e do Instituto de Cultura Hispânica, para realizar estudos superiores de História no Museu Naval de Madrid e no Arquivo Geral da Casa de Índias, em Sevilha, os quais motivaram vosso mais recente trabalho sobre Vicente Ianez Pinzón y Brasil, publicado em castelhano na *Revista do Instituto do Ceará.*

Vosso valor vos levou, recentemente, à direção da Comissão de Geografia do Instituto.

Mestre Guarino Alves: agradeço-vos o terdes me trazido pela mão ao Instituto do Ceará, onde fui recebido de braços abertos pelos demais membros que compõem este sodalício de escol. Terei, graças à vossa lembrança, a felicidade do mais alto convívio com aqueles que representam, no campo da cultura científica, o que de mais precioso possui o Ceará — filhos dedicados ao estudo de sua paisagem, de sua História, de sua gente.

Neste agradecimento sincero vai a promessa formal de procurar não vos decepcionar e nem ao preclaro Colégio que me recebe, dando provas de uma confiança que jamais poderei trair.